

Entrevista com Maria Célia Teixeira Moura Santos

Interview with Maria Célia Teixeira Moura Santos

Entrevistadores

Maria Helena Versiani

Mario Chagas

[Sobre a entrevistada e os entrevistadores >>](#)

Célia, bem querida professora, nós, responsáveis pela organização do presente dossiê, acompanhamos com atenção, admiração e entusiasmo a sua trajetória de museóloga, educadora, professora universitária, pesquisadora, gestora e militante por uma museologia com compromissos sociais e políticos bem demarcados. Conhecemos seus livros, seus artigos, sua dissertação de mestrado e sua tese de doutorado; acompanhamos muitas de suas palestras e conferências inspiradas e inspiradoras; acompanhamos o seu trabalho de gestão e a sua participação ativa na formação de uma nova geração de pessoas envolvidas com uma museologia que não tem medo dos afetos, que não tem medo de afetar e ser afetada; por tudo isso e por muito mais, compreendemos que este dossiê não estaria completo sem esta sua entrevista que iniciaremos a seguir.



Célia – permita-nos chamá-la assim – fale para nós, e para todos que nos leem, sobre a sua trajetória de vida e a sua chegada ao mundo dos museus.

Mário e Maria Helena, é gratificante constatar que estivemos juntos em muitos momentos de nossas trajetórias. Consultando meus arquivos, com o objetivo de responder às questões enviadas por vocês, verifiquei que, em 1998, concedi uma entrevista a você, Mário.¹ Naquela ocasião, conversamos sobre meu percurso pessoal e profissional, incluindo alguns dos temas que aqui serão abordados, e me surpreendi com o fato de que já se passaram 27 anos. Sabemos que é impossível resgatar o passado, e que é sempre importante relembrar Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, reenvia-nos em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas. (Le Goff, 1990)

Assim, com o olhar de hoje, considero que não só podemos como devemos, *mais do que nunca*, revisitar nossas trajetórias. Afinal, *passado, presente e futuro* sempre coexistiram em todos os momentos históricos.

Apesar desse reconhecimento e do desejo de conversa, percebo que narrar a trajetória já percorrida, quando já atuamos na vida acadêmica e estamos na denominada terceira idade, não é coisa fácil, pois corremos alguns riscos, tais como: conversar demais, devido a tantas histórias para contar; cometer alguns esquecimentos e deslizos que, felizmente, poderão ser percebidos por algumas testemunhas oculares que, espero, possam corrigi-los. Eric J. Hobsbawm (1988) chama minha atenção para o fato de que posso ser uma historiadora nada confiável, ao narrar minha história pessoal, mas, ao mesmo tempo, ele me liberta dessa angústia quando afirma que posso ser uma historiadora cuja contribuição é essencial. Percebo, então, que narrar, esquecer e repetir estão interligados e são neces-

¹ Entrevista concedida em 1989, publicada em 2002 (Santos, 2002).

sários. Desse modo, vou e volto, nas asas de um passarinho, construindo o ninho que irá nos acolher e, talvez, nos libertar para novos voos.

Em meu caminhar, tenho optado por construir as narrativas sobre as experiências vividas, bem como as reflexões delas advindas, utilizando uma linguagem coloquial e afetiva. Com esta entrevista, não seria diferente. Sei, também, que as reflexões aqui apresentadas só terão algum valor caso venham a ser memórias compartilhadas, que, talvez, possam inspirar outros voos. Assim, é com alegria e muita esperança que inicio nossa prosa.

Considero que meu compromisso social foi sendo moldado em minha juventude, antes de minha chegada ao mundo dos museus, quando cursava o primeiro grau, o antigo curso ginasial. Vivi intensamente a minha juventude, na década de 1960. Como tantos outros companheiros da minha geração, ouvi os Beatles, os Rolling Stones, Chico Buarque, Gil, Caetano, Maria Betânia, assisti ao filme *Easy rider*, ao *Pagador de promessas*, vi a influência do rock no comportamento dos meus colegas, o surgimento da bossa nova, do tropicalismo e da jovem guarda. Período de grande efervescência de manifestações artísticas e culturais, de muitos movimentos que levavam as marcas da juventude e da intenção de provocar a desacomodação ou a alienação, preocupações que marcaram toda uma geração: a negação de uma sociedade capitalista e a discussão em torno do socialismo, bem como de uma sociedade diferente que se buscava construir. Época de sonhos, de utopias, alimentadas por processos reflexivos realizados no grupo da Juventude Estudantil Católica, no qual estive engajada durante os quatro anos do ginásio – tínhamos um grupo de estudo permanente, sob a liderança de um padre da paróquia local. As sementes do meu compromisso social e da minha militância, como educadora e museóloga, estavam então plantadas na década da rebelião, da contestação e da imaginação (Santos, 1986).

Na época atuávamos organizando cursos, excursões, palestras, eventos diversos envolvendo professores, alunos e familiares. Aluna engajada – com missões a cumprir –, participava da diretoria de grêmios, de projetos sociais com a comunidade da periferia da cidade onde residia, de projetos para alfabetização de adultos utilizando o método Paulo Freire. É quando tomo o meu primeiro

contato com a obra desse autor e me apaixono. Seguir o curso de magistério foi uma escolha muito consciente. Ser professora era, realmente, uma vocação.

Em 1973, concluo o curso de graduação em Museologia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), do qual fui da primeira turma, e, logo após, fui contratada como professora para ministrar aulas nas disciplinas Técnica de Museu III (Ação Educativa dos Museus) e Estágio III, cujos conteúdos abordavam as atividades a serem desenvolvidas pelos setores educativos dos museus.

Em relação ao início da caminhada na docência em museologia, destaco a importância do encontro com os livros *Extensão ou comunicação* e *Educação e mudança*, ambos de Paulo Freire. A partir dessas duas publicações, pude me fortalecer para vencer o tecnicismo e para contribuir no sentido de transformar as ações até então desenvolvidas nos setores educativos dos museus. Penso que um registro importante é o de termos conseguido mudar o nome da disciplina que ministrava de Técnica de Museu III para Ação Educativa dos Museus e, posteriormente, para Ação Cultural e Educativa dos Museus.

A burocratização, cada vez mais praticada e imposta aos educadores, fazia com que os mesmos ficassem distantes da escolha dos conteúdos que deveriam ser ministrados, da avaliação da prática pedagógica por eles exercida e da análise do papel que a escola exercia na sociedade. Desse modo, as práticas pedagógicas inadequadas das escolas eram repetidas nas denominadas ações educativas dos museus.

Constatávamos que os conformismos cognitivo e intelectual eram provenientes da força normalizadora, da tecnoburocratização do trabalho, que geravam bloqueios, normas, proibições e rigidez, barreiras invioláveis que nos afastavam uns dos outros e castravam nossa criatividade, nossa capacidade de ousar e de questionar o estabelecido.

Finalizo este olhar retrospectivo deixando uma reflexão por mim apresentada em texto elaborado para o IV Fórum Nordestino de Museologia, realizado em Recife, em 1991.

A crítica ao museu, como subsistema, é necessária, mas deve nos conduzir a uma análise do sistema social global, não só para compreender, mas, sobretudo, para transformar. Neste sentido, a técnica não deve ser aplicada de forma mecânica, em compartimentos estanques, tornando a instituição uma mera executora de tarefas. (Santos, 1993a, p. 93)

Assim, com muito inconformismo, conflitos, reflexão, esperança, desejo de transformação e determinação, entrei no mundo dos museus.

Querida Célia, sabemos que você conheceu e conviveu com Waldisa Rússio Camargo Guarnieri (Brasil), Liana Rubi Tereza O’Campo (Brasil), Mirian Arroyo de Keriou (México), Matilde Bellaigue (França) e Hugues de Varine (França). Conte para nós um pouco da sua vivência e convivência com essas e outras pessoas chaves do mundo dos museus e da Museologia. Como eram essas relações, como se davam as partilhas de experiências, como aconteciam as suas trocas de conhecimento?

Com esta questão vocês contribuem para que eu possa trazer à minha memória pessoas com as quais tive oportunidade de trocar experiências prazerosas, de compartilhamento de informação e de afeto, as quais contribuíram, de forma significativa, para meu crescimento pessoal e profissional.

Considerando que os encontros, os eventos e a produção do conhecimento não estão desvinculados dos contextos nos quais foram produzidos, proponho iniciar esta narrativa modificando a ordem da relação nominal apresentada por vocês. Também, tomo a liberdade de acrescentar à relação proposta, o nome do museólogo e professor Mario de Souza Chagas, companheiro de longas jornadas em prol das museologias *insubordinadas* e comprometidas com o social. Em sua pessoa, Mario, contemplo, também, muitas/os colegas e alunos, que vieram conosco, nesse longo caminhar. Me desculpe por esta *insubordinação*.

Sei o quanto é difícil resumir, em alguns parágrafos, experiências e encontros tão cheios de emoções e aprendizados. Neste momento, a questão formulada por vocês me inspira para propor

uma publicação sobre nossas vivências, trocas e embates – espaço para registros de alegrias, tristezas, conquistas e esperanças. Temos espaço para mais essa *insubordinação*?

Começamos nosso voo com o carioca mais nordestino que conheço, o professor doutor Mario de Souza Chagas.

Da relação apresentada nesta questão, incluo você, Mario Chagas, como o primeiro em meu percurso. Em 1982, no então Instituto Joaquim Nabuco, nos encontramos pela primeira vez – o carioca mais nordestino – o Mario do repente, da alegria, da prosa, do abraço por inteiro, da criatividade, da resistência e da coragem de ousar. Encontro em você, ainda como jovem professora do curso de Museologia da UFBA, o companheiro com quem poderia dividir minhas angústias museológicas – ainda não usávamos o termo museal. De partida, me identifiquei com suas reflexões, com suas inquietações, e com sua determinação. Embora você seja carioca, sofremos, na pele, os preconceitos em relação à atuação dos profissionais que trabalhavam nas regiões Norte e Nordeste do país, principalmente o etarismo e o desdém em relação a nossos posicionamentos sobre os museus colonizados, opressores e tecnicistas. Não posso deixar de registrar nossa sintonia, enfrentando os debates e nos apoiando mutuamente.

Tempos difíceis, mas, ao mesmo tempo, de sonhos e muita esperança. Ali nasceu uma amizade duradoura, sincera, preñhe de companheirismo, que nos fortaleceu para enfrentar muitas jornadas em nossa vida profissional.

Nossas atividades como docentes eram marcadas pelas trocas, o que era raro, naquele período. Seus textos preenchiam o vazio da ausência de reflexões, em língua portuguesa, a partir de dados sobre nossas realidades, deixando bem claro que seu compromisso era com o homem, criador e transformador de culturas. Períodos marcados pelos desejos de transformações apoiadas na pedagogia freiriana e nos princípios da Nova Museologia, que nos inspiravam e nos encorajavam para os embates nos congressos, seminários e em nossas salas de aula. Em você encontro ânimo, compartilhamento de informações e o apoio necessário para seguir na caminhada.

Assim, nossa militância se dava, também, internamente, nos cursos onde atuávamos² como docentes e pesquisadores, quando repensávamos e propúnhamos a revisão de seus programas, dos currículos e adotávamos metodologias participativas nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, abrindo janelas e portas das universidades para as cidades – Salvador, Rio de Janeiro, Lisboa – integrando as academias ao meio onde estavam inseridas, atitudes que contribuíam para diminuir nosso autoritarismo, como intelectuais, detentores do conhecimento e nos transformava em educadores-educandos. Posturas que alimentaram, e ainda alimentam, nossas trocas, e que têm colaborado de modo significativo para os aspectos teórico-metodológicos em nosso campo de atuação, e das quais muito me orgulho. Suas contribuições como docente e pesquisador foram e têm sido marcantes tanto nos cursos de graduação como nos de pós-graduação da UFBA e de outras universidades, no Brasil e em Portugal.

Acredito que não podemos deixar de reconhecer, também, que sua produção acadêmica, comprometida com os princípios da museologia social foi um dos referenciais básicos para a formulação da Política Nacional de Museus, em 2003, fornecendo, também, um lastro importante para a estruturação do Sistema Brasileiro de Museus, do Cadastro Nacional de Museus, do Programa Pontos de Memória e para a criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram).

Quando você estava na direção do Museu da República, órgão vinculado ao Ibram, e o mundo passava por uma epidemia que nos imobilizava, você abriu as portas daquela instituição como ponto de vacinação e o colocava a serviço da sociedade, me enchendo de orgulho e de alegria, principalmente porque sempre acreditei que não é a tipologia de museu que define nossa atuação como museólogos-educadores, são nossas concepções de *museu*, de *museologia* e de *educação*.

Caminhamos muito. As distâncias não foram obstáculos para nossas trocas, mesmo antes do mundo informatizado. Às vezes, as

² Atuei como professora do curso de Museologia da UFBA, no período de 1974 a 1997, quando me aposentei. Continuei como professora visitante da Universidade Lusófona e como consultora nos campos da museologia e da pedagogia.

discussões acaloradas e discordantes acontecem, porém, cheias de vida e de um grande respeito mútuo. Nunca me esqueço da viagem que fizemos quando da reinauguração do Museu Sacaca do Desenvolvimento Sustentável, situado em Macapá, projeto no qual estive envolvida, como consultora. Voando na imensidão desse país, conversamos sem parar, de São Paulo até aquela capital, situada na Linha do Equador, quando tivemos oportunidade de colocar um pé no Hemisfério Norte e o outro no Hemisfério Sul. Nossas conversas acadêmicas sempre foram permeadas por muitas histórias cheias de vida, afeto, humor e criatividade. Acredito mesmo que, sem esses aspectos, tudo teria sido mais difícil, ou, talvez, não tivéssemos encontrado forças para a longa jornada. Sim, sua poesia, seus repentes, sua tolerância para me ouvir me encheram de energia.

Acredito que o professor doutor Mario de Souza Chagas, por seu histórico de vida, qualificação profissional, atuação marcante e por seu compromisso social, continuará nos inspirado e encorajando para novas aventuras museológicas/museais que, com certeza, serão permeadas pela confiança e alegria.

Com muito respeito e afeto o incluí, Mario Chagas, na relação elaborada por vocês para esta entrevista, que será inserida em uma publicação, cujo tema principal é a museologia social, da qual você foi e continua sendo referência das mais importantes, no Brasil e em outros países.

A relação é grande, continuemos nosso voo, agora, com Hugues de Varine.

Em 1987, as museólogas Fernanda de Camargo Moro e Lourdes Rego Novaes traduziram para o português o livro de Hugues de Varine (1987), *O tempo social*, e promoveram o seu lançamento na Primeira Trienal Internacional de Museus do Rio de Janeiro. Essa publicação passou a constar da bibliografia básica da disciplina Ação Cultural e Educativa dos Museus, da qual fui a docente responsável durante 23 anos no curso de Museologia da UFBA. As reflexões sobre a vida cultural, a ação comunitária e o desenvolvimento social, bem como as experiências práticas do autor, preencheram uma lacuna, devido à carência de obras em português, com abordagens e análise reflexiva sobre esses temas, dificultando o acesso,

principalmente para os estudantes. Passados 38 anos do lançamento de *O tempo social* em português, ainda o considero uma obra de referência para todos que atuam com as ciências sociais e com outros campos e áreas do conhecimento. Ressalto também que, em minha vivência como professora, sempre me identifiquei com os trabalhos de Varine, utilizando-os em sala de aula como referências em textos de minha autoria e com grupos envolvidos em projetos nos quais tenho atuado.

Em 1979, período em que ele estava na presidência do Icom, tive acesso a uma entrevista dele, publicada em um livro pela Salvat Editora, intitulado *Os museus no mundo* (Biblioteca..., 1979). Sua leitura provocou em mim um grande contentamento ao perceber que, como presidente do Icom, ele considerava o museu como um meio, um instrumento, a serviço da sociedade. Na referida entrevista, também tomo conhecimento da existência do Museu da Comunidade de Anacostia, situado em Washington, DC/EUA, com cujas ações passei a me identificar, reforçando minhas expectativas de que era possível realizar práticas museológicas comprometidas com o social.

Não tive oportunidade de participar em projetos com a atuação de Varine. Entretanto, nossos contatos em eventos realizados no Brasil e em Portugal proporcionaram a oportunidade de aproximação e de diálogo em torno dos nossos campos de atuação, sendo, para mim, um grande aprendizado, proporcionado, sobretudo, por sua generosidade, simplicidade e abertura para ouvir o outro. Em um desses encontros, em um ônibus que nos conduzia para uma visita a um museu, sentada ao seu lado, tive o privilégio de ouvi-lo comentar sobre a relevância da obra de Paulo Freire para o seu caminhar profissional. O meu contentamento foi grande, pois, como já registrado anteriormente, esse autor foi e continua sendo, para mim, um dos principais referenciais para minha atuação como educadora e museóloga.

Em 1999, quando da realização do VIII Ateliê do Movimento Internacional da Nova Museologia, “Patrimônio e juventude, desafios para o século XXI”, realizado em Salvador/BA de 3 a 7 de novembro de 2011, atendendo ao nosso convite, fomos fazer uma visita ao

Museu Didático-Comunitário de Itapuã.³ Na oportunidade, realizamos uma bela roda de conversas com os participantes do projeto e foi um encontro de muitas trocas e alegria.

No ano de 2012, eu estava na Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia quando promovemos, em Salvador, o lançamento do livro de sua autoria, intitulado *As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local* (Varines, 2012). Naquela oportunidade, fizemos uma visita ao Museu Wanderley Pinho, situado no município de Candeias, na Baía de Todos os Santos, quando tivemos a oportunidade de nos reunir com lideranças das comunidades da Ilha de Maré e Caboto, com o objetivo de realizar uma escuta sobre suas expectativas e sugestões para a reestruturação daquele museu.

Percebi ao longo dos anos, em meus contatos com Varine, que ele não se considera um acadêmico e não gosta de ser chamado de professor. Entretanto, para mim, ele foi sempre um mestre que estimula a abertura de novos caminhos para que possamos ver, expressar e transformar as realidades. Considero-o um acadêmico, não porque esteja vinculado a uma instituição de ensino e pesquisa, mas porque o conhecimento por ele produzido e a qualidade de suas reflexões, resultado de suas vivências em projetos desenvolvidos em diversos países, contribuíram para a geração do conhecimento em nosso campo de atuação, bem como para a melhoria da qualidade de vida de muitas pessoas.

Não posso deixar de reconhecer que os trabalhos de Hugues de Varine contribuíram efetivamente para os aspectos teóricos e metodológicos dos diversos projetos com os quais estive envolvida, juntamente com os estudantes do curso de Museologia da UFBA, com educadores e membros de diferentes comunidades. Sua obra é referência importante para repensarmos o papel dos museus na sociedade, assim como os conceitos de *patrimônio*, de *território* e de *desenvolvimento local*, contribuições importantes para que possamos musealizar os territórios e a dinâmica da vida – o patrimônio integral.

Sinto saudades de sua simplicidade, generosidade e companheirismo. Nunca me esqueço de seu olhar feliz e contemplativo

³ Projeto desenvolvido a partir da pesquisa para meu doutorado (Santos, 1996).

quando avistou, pela primeira vez, a constelação do Cruzeiro do Sul, no céu estrelado do bairro de Santa Cruz na cidade do Rio de Janeiro, quando os participantes do II Encontro Internacional de Ecomuseus e IX Icofom LAM – organizado por Odalice e Walter Priosti, em maio de 2000 – faziam a travessia em uma balsa que nos conduzia ao hotel em que estávamos hospedados.

Vamos, agora, com Liana O’Campo.

Conheci Liana O’Campo em minhas idas ao Rio de Janeiro para participar de congressos e seminários, muitos dos quais realizados com a participação do curso de Museologia da Unirio. Nossa aproximação foi imediata, devido a atuarmos como professoras na disciplina Museu e Educação. Percebi de imediato que muitas de nossas dúvidas, certezas e expectativas em relação às nossas atividades docentes eram comuns e nos inquietava e nos motivava para novas reflexões e ações. Naquele período, não era comum encontrarmos colegas com quem pudéssemos manter um diálogo sincero, por conta de certo preconceito causado por um colonialismo interno, já citado anteriormente. Liana me acolhia com calma, elegância e discrição, sem a arrogância às vezes tão comum na academia. Mantivemos durante alguns anos uma amizade duradoura e respeitosa. Tivemos a oportunidade de tê-la conosco nos Fóruns Nordestinos de Museologia, realizados em Fortaleza/CE e em Maceió/AL. Em Fortaleza, vi aquela educadora, aparentemente formal, se envolver, vibrar e compartilhar da alegria contagiante que acontecia na festa oferecida pelos estudantes de museologia. Em Maceió, conversamos e fizemos boas reflexões que contribuíram muito para meu projeto de doutorado.

Liana considerava, assim como eu, que o museu, bem como as ações museológicas, devem ser compreendidas como ações educativas passíveis de serem aplicadas no seu interior ou fora dele. Assim, educação significa reflexão constante, pensamento crítico, criação e ação transformadora do sujeito e do mundo; atividade social e cultural, histórico-socialmente condicionada. Neste sentido, trago uma fala sua, apresentada no I Simpósio Brasileiro do Museu para Educação do Superdotado:

A finalidade do conceito de museu é a educação. A educação não é uma das funções do museu, mas, sim, a sua finalidade. A proposta do museu é educação. Se ele adquire, conserva, comunica, expõe, é para fins de estudo e de educação. Até a pesquisa é para a educação. (Associação..., 1988)

Liana foi uma das pioneiras, no Brasil, ao chamar a atenção para o fato de que os setores educativos dos museus deveriam formular uma política pedagógica de ação social para atender a todas/os – em especial, as pessoas com deficiência. Ressaltava que os conceitos de acessibilidade e de educação deveriam estar, sempre, relacionados. Considerava, também, que o museu, ao assumir seu compromisso com a educação e com a sociedade, estaria colocando à disposição seu potencial de recursos multidisciplinares para atendimento a deficientes visuais, não somente utilizando seus acervos, mas atuando como um espaço cultural global de integração.

Considero que a professora Liana O’Campo trouxe grandes contribuições para nosso campo de atuação – museologia e educação – atuando como uma profissional além de seu tempo. E ainda estamos carentes de informações e de produções de conhecimento a partir de sua obra, o que nos torna devedores em relação ao apreço e reconhecimento a ela merecidos.

Voemos com Waldisa Rússio, nossa companheira de Sampa.

Falar de Waldisa Rússio é falar de uma mulher combativa, determinada, alegre e companheira. Em uma das minhas gestões como coordenadora do curso de Museologia da UFBA, em 1982, tive a oportunidade de manter meu primeiro contato com ela. Isso ocorreu quando da realização do I Encontro de Museólogos do Nordeste, patrocinado pela Fundação Joaquim Nabuco, em Recife.

Fui debatedora do tema “O mercado de trabalho para o museólogo na área da Museologia”. Revendo o texto por ela apresentado naquela ocasião, e que preservo até hoje com muito carinho, percebo que, com clareza e caráter científico já àquela época, estava ali registrado, por Waldisa, o que considero ser uma das suas maiores contribuições à museologia brasileira: ter iniciado e dado con-

tinuidade a uma discussão teórica, em nível nacional, sobre o caráter científico da museologia. No mesmo evento acima citado, tive a oportunidade de observar de perto a garra e o entusiasmo de Waldisa, quando, junto com a delegação da Bahia, ela discutiu e defendeu, com segurança e entusiasmo, a necessidade de regulamentação da profissão de museólogo, tendo contribuído posteriormente em vários momentos na discussão da proposta de lei, além de ter realizado gestões para sua aprovação pelo Congresso Nacional.

Realizamos discussões conjuntas em vários seminários e congressos, em que a presença de Waldisa era marcada por seus pronunciamentos em prol de uma museologia voltada para o social, enfatizando a necessidade de um intercâmbio mais produtivo entre os cursos de museologia existentes no país, salientando, sempre, a necessidade de revisão de seus currículos, adequando-os às necessidades regionais e a uma museologia que tivesse como enfoque principal o homem e não somente o objeto.

Com o objetivo de aprofundar o intercâmbio entre o curso de Museologia da Bahia e o de São Paulo, convidamos Waldisa, em 1984, para proferir um curso em Salvador, oportunidade em que apresentou a estrutura e funcionamento do curso de Museologia do Instituto de Sociologia e Política, destacando as linhas de pesquisas de seus professores. Aproveitando sua estadia em Salvador, a Associação de Museólogos da Bahia promoveu um curso com o tema “A Museologia e seus aspectos sociais”, entre 19 e 23 de novembro. A matéria publicada no boletim semestral do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac) com o título “A museologia não pode ser divorciada da vida”, destaca momentos importantes relacionados com a vinda de Waldisa a Salvador e comenta alguns pontos de sua fala, que registro no extrato a seguir:

A museologia é uma prática que deve ser exercida com a sociedade. Quem faz a afirmação é a professora Waldisa Camargo Guarnieri, coordenadora do Curso de Sociologia e Política de São Paulo, que esteve dando um curso sobre “Museologia e seus aspectos sociais”. Para ela, a museologia não pode ser divorciada da vida. Portanto, não deve estar distante dos aspectos sociais. Mas, na prática, “temos uma museologia real e uma sonhada, ou pelo menos proposta, existindo um grande abismo entre ambas. A visão que

se tem da museologia, na sua opinião, é extremamente elitista e, quando é bem intencionada, acaba tornando-se paternalista. (Boletim..., 1984)

A fala de Waldisa, no contexto no qual estávamos inseridos naquele momento, nos fortalecia para os embates em torno do papel social dos museus, tentando vencer as dificuldades no sentido de aproximar a *museologia real* da *museologia sonhada*, tarefa nada fácil, de luta continuada.

Falávamos muito por telefone, quando chegava de suas viagens para participar de eventos, ou de reuniões relacionadas aos projetos nos quais esteve envolvida – ligava para passar informações sobre os temas discutidos, sobre as relações com os colegas e colocava à minha disposição o material que trazia, me enviando pelo correio. Colaboração fundamental em tempos difíceis de escassez de bibliografia em nosso campo de atuação e da falta de compromisso por parte das instituições que deveriam assumir a responsabilidade de democratizar o conhecimento, bem como os resultados das experiências desenvolvidas nos diferentes estados da federação e em outros países.

Acompanhei de perto sua luta para a organização do I Seminário Latino-Americano de Museologia. Eram objetivos de Waldisa uma aproximação maior com os colegas da América Latina, bem como promover uma discussão conjunta com os coordenadores e professores dos cursos de Museologia da Unirio e o da UFBA, únicos em funcionamento no país naquele momento. Recordo-me também de outro exemplo em relação a esse evento, relacionado à sua dedicação e profissionalismo: estávamos ambas participando de um seminário na Unirio, quando ela teve que retornar a São Paulo para resolver um problema burocrático do curso e, no dia seguinte, retornou, porque tinha uma banca de defesa de tese. Ela havia proposto que no final daquele dia realizássemos uma reunião com os coordenadores dos cursos de Museologia na Unirio. Esperamos até 19 horas. Como ela não chegava, fui para o hotel. Meia hora depois me chamaram, e lá estava ela, com toda disposição, para realizarmos a reunião. Trabalhamos até 22 horas e ficamos plantadas na porta da universidade, esperando um forte temporal passar para conseguirmos um táxi que me deixaria no meu hotel e a conduziria ao aeroporto para seu retorno a São Paulo.

Considero que é impossível para os cursos de museologia existentes hoje no país, e são muitos, graças ao movimento de implantação da PNM e do Reuni, discutirem museologia e museus sem uma análise dos conceitos apresentados e discutidos por Waldisa em todos os seus textos.

Não posso deixar de ressaltar, antes de finalizar, a relação afetiva que tive com Waldisa, ao longo dos anos. Misturamos museologia, companheirismo e amizade. Não me esqueço de sua voz ao telefone, quando confirmava minha participação no Seminário Latino-Americano: “Estou lhe esperando com muita alegria para ouvir sua voz cantando Sampa”.

De Sampa para o México: nosso voo, agora é com Miriam Arroyo.

Os movimentos sociais ocorridos nas décadas de 1960 e 1970 provocaram uma avaliação das instituições, inclusive da Unesco e do Icom. Os projetos já realizados em diferentes países motivaram os profissionais para a busca de intercâmbio, com o objetivo de discutir as experiências de Ecomuseologia e da Nova Museologia, e suas relações com a museologia até então instituídas. Por iniciativa de Pierre Mayrand e René Rivard, ambos participantes do grupo de ecomuseus de Quebec, foi realizado, em 1984, o Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, destinado a discutir ecomuseus e a Nova Museologia, com os seguintes objetivos:

- criar condições de intercâmbio para discutir assuntos relacionados à Nova Museologia e à Ecomuseologia em geral;
- definir suas relações com a Museologia em geral;
- aprofundar os conceitos e encorajar as práticas relacionadas com a Ecomuseologia e com a Nova Museologia.

No Brasil, vivíamos os anos mais duros da ditadura e, nesse contexto, era natural que o documento de Santiago do Chile e as iniciativas do Movimento da Nova Museologia permanecessem desconhecidos ou nas gavetas dos gabinetes. Mais uma vez, por iniciativa individual, os técnicos, talvez movidos pelas mesmas razões de tantos colegas na França, no Canadá, em Lisboa e no México, dentre outros, começam a trilhar novos caminhos, quebrando barreiras.

ras institucionais e filosóficas, em busca do processo museológico transformador, delineado em Santiago, e do qual sequer tínhamos conhecimento. No curso de Museologia da UFBA, somente dez anos depois, ou seja, nos anos 1980, é que tivemos acesso ao documento da mesa-redonda do Chile. O encontro com o documento de Santiago é, de certa forma, sobretudo nos meios acadêmicos, a legitimação de nossa ação.

Criamos novos ânimos e nossa rede de apoio se ampliou. Com a colaboração de colegas brasileiros que participavam das reuniões do Minom fora de nosso país, tomo conhecimento dos projetos desenvolvidos no México. É interessante registrar que, logo após minha formatura em Museologia, na UFBA, em 1974, estive nos Estados Unidos para fazer um curso de aperfeiçoamento, em inglês, e, em um final de semana, fui à cidade do México com o único objetivo de visitar o Museu Nacional de Antropologia. Naquela ocasião, me encantei com suas instalações, com a concepção da expografia e, sobretudo, com os programas desenvolvidos com as escolas e com as comunidades daquele país. Em meu retorno para Salvador, aquela experiência museológica mexicana me inspirou para escrever meu primeiro artigo, intitulado “Museu Nacional de Antropologia do México: um exemplo a seguir” (Santos, 1974).

Continuei com o olhar atento para os projetos desenvolvidos no interior do Instituto Nacional de Antropologia e História, pois ali estava sendo desenvolvido o projeto experimental do Museu Nacional de Antropologia, denominado “A Casa do Museu”, cujos objetivos contemplavam o planejamento e o desenvolvimento de museus comunitários, a partir da elaboração de um programa nacional, que foi aplicado em sete estados, durante nove anos, criando 55 museus comunitários. As ações envolviam também o Programa de Museus Escolares, com o apoio do referido instituto e da Secretaria de Educação Pública, integrado ao Programa Nacional de Educação. No México, dentro do Instituto Nacional de Antropologia e História, Miriam Arroyo teve uma atuação marcante.

Meu contato com Miriam Arroyo foi se dando gradualmente, na medida em que os colegas brasileiros participavam dos encontros do Minom, em diferentes países e eu solicitava que trouxessem os

textos que ela produzia para suas apresentações, bem como o material utilizado nos projetos desenvolvidos sob sua coordenação. Com ela aprendi muito, sobretudo em relação aos museus comunitários.

Em 1999, quando da realização do VIII Ateliê do Movimento da Nova Museologia, “Patrimônio e juventude, desafios para o século XXI”, realizado em Salvador, ela atendeu, tal como Varine, ao nosso convite para visitar o Museu Didático-Comunitário de Itapuã. Reafirmo que aquele foi um momento especial. Ali conseguimos reunir vários pioneiros do movimento da Nova Museologia, junto com estudantes, professores e representantes da comunidade local.

Quanto atuei como diretora da Direção de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia, a convidei para ministrar uma oficina com o tema “Museus, territórios e desenvolvimento comunitário”, no III Encontro Baiano de Museus, evento que aconteceu de 21 a 23 de setembro de 2011, na cidade de Ilhéus, no interior da Bahia. Com alegria, a vi utilizar uma metodologia participativa, quando, em rodas de conversas, estimulava os participantes a trazerem temas relacionados com suas experiências de vida, aproximando-os do tema proposto para aquela atividade. Ali percebi o quanto ainda eram urgentes e necessários os temas deflagrados pela Nova Museologia, movimento do qual ela foi uma participante comprometida.

Estive com Miriam Arroyo pessoalmente somente nesses dois momentos, quando pude desfrutar de sua atenção, paciência e amorosidade e, ao mesmo tempo, demonstrar minha gratidão e respeito pelos ensinamentos recebidos ao longo de vários anos.

E vive la France, nosso voo continua, com Matilde Bellaigue.

Meu primeiro encontro com as reflexões realizadas por Matilde em relação ao campo museal se deu quando preparava o texto intitulado “Ecomuseu – A guarda da memória coletiva” (Santos, 1993b), que foi apresentado por mim no I Encontro Internacional de Ecomuseus, realizado no Rio de Janeiro, de 18 a 23 de maio de 1992, evento já citado anteriormente em minha fala sobre Hugues de Varine.

Estava cursando o doutorado, no início da década de 1990.

Naquele momento de início de minha pesquisa, ansiosa, buscava os referenciais necessários para construção da revisão de literatura para minha tese (Santos, 1996). Os registros das reflexões sobre os conceitos de *museologia*, de *museu* e de *patrimônio* apresentados nos trabalhos produzidos e publicados pelo Icofom – Comitê Internacional para a Museologia, do Icom naquele período, contendo, inclusive, as colaborações de Matilde, foram utilizados por mim, não somente em minha pesquisa como em outros textos de minha autoria publicados ao longo dos anos.

Em 1992, Matilde esteve em Salvador, atendendo ao nosso convite para participar do V Fórum de Museologia do Nordeste, cujo tema foi “A relação entre a Museologia e o museu”, tendo proferido as seguintes palestras: “A Museologia e seus aspectos interdisciplinares e multidisciplinares” e “O museu integral – ecomuseu”. Pela primeira vez naquele encontro nordestino, fizemos uma divulgação em nível nacional, tivemos a participação de profissionais de outras regiões e dois convidados estrangeiros, Matilde Bellaigue e Vinos Sofka. Este último veio como vice-presidente do Icom e proferiu a palestra “Aspectos teórico-metodológicos da Museologia”.

Com presteza, Matilde me enviou o texto de sua palestra (Bellaigue, 1992), a qual foi dedicada à Waldisia Rússio. Conseguimos traduzi-lo e o divulgamos com os participantes do fórum. Nele são apresentadas reflexões importantes sobre os conceitos de *museu*, de *patrimônio cultural* e de *museologia* em seus aspectos teórico-metodológicos, inter e multidisciplinares, reflexões até então trabalhadas no interior do Icofom e enriquecidas por ela.

Comentando sobre o conceito de *museologia* emitido a partir dos estudos de Ana Gregóvora e Z. Z. Stransky (Icofom, 1980), na Tchecoslováquia, quando definiram a museologia como “o estudo das relações específicas do homem com a realidade”, Bellaigue considera que este foi um elemento bastante mobilizador para o progresso da *ciência museológica*. Entretanto, ela salienta que o estudo da relação do homem com a realidade é, também, objeto de estudo de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a ecologia, a psicologia, a antropologia cultural, a filosofia etc., e destaca que o termo “realidade” não é empregado de maneira adequada nesse contexto, pois

trata-se de um conceito e nenhuma ciência, à exceção da filosofia e da metafísica, se constrói com base em conceitos. Matilde Bellaigue sugere, então, que o termo “realidade” seja substituído pelo “real”, justificando que o *real* abrange a totalidade da vida e do meio ambiente, portanto, todo elemento do real pode ser *objeto de museu*, o que não significa que todo objeto deva ser musealizado:

O real representado no museu pelo objeto, que deve ser entendido no seu sentido mais amplo: material e imaterial, natural ou cultural. Ele é o elemento central para a Museologia, pois é o elemento da realidade que emite informações, permitindo a comunicação entre as pessoas e entre o passado e o presente.

Penso que as reflexões de Matilde naquele período foram de grande relevância no sentido de preencher nossas carências e inquietações em relação à redefinição dos conceitos de *patrimônio*, de *museu* e de *museologia*, quando sugere substituir o termo “realidade” pelo “real” em todas as dimensões: “o conjunto da vida e do meio ambiente”.

Chamo a atenção também para a importância de suas reflexões sobre o *museu total* e suas funções na sociedade contemporânea, com destaque para a necessidade de abordarmos não somente os aspectos intelectuais em nossas práticas museais, mas dedicar atenção especial à apreensão intuitiva-emocional:

Nunca insistiremos o suficiente na importância da abordagem sensorial. Esta deveria ser privilegiada no museu. Este procedimento é uma verdadeira aventura, já que por meio dele é que se despertam em cadeias os ecos e as referências sensíveis, afetivas e memoriais que são as primeiras mobilizações do imaginário. (Bellaigue, 1992, p. 3)

Em minha fala na abertura do V Fórum Nordestino de Museologia, registrava a importância do tema escolhido, devido à carência de reflexões em nosso país até aquele momento sobre os aspectos teórico-metodológicos da museologia. Argumentava que, geralmente, a ênfase era dada aos aspectos técnicos de aplicação das ações museológicas, sendo necessário, sempre, uma ação-reflexão sobre nossas práticas, ampliando suas dimensões de valor e sentido. Des-

tacava, também, que aquele evento seria um marco, no sentido de repensarmos a museologia na América Latina, que, ao longo de sua história, com criatividade e resistência, vinha enfrentando o massacre e a imposição de uma razão instrumental que primava por destruir seu mundo vivido. É importante destacar, ainda, que os trabalhos apresentados pelos conferencistas brasileiros naquele evento trouxeram reflexões robustas e inovadoras, demonstrando que tínhamos o que acrescentar ao panorama museológico internacional.

Acredito que muitas reflexões trazidas por Matilde são, mais do que nunca, importantes para o nosso tempo, no aqui, e no agora.

Fechando, enfim, as considerações sobre essa questão, faço as seguintes observações:

A narrativa sobre as experiências compartilhadas com os colegas sugeridos por vocês permitiu, não só demonstrar meu respeito e gratidão por cada uma/um, mas, ao mesmo tempo, constatar mais uma vez o quanto é rica, necessária e abrangente essa teia de relações, por meio de um sistema orgânico, formando belas cirandas de vida a partir da troca de informações, de conhecimento e de afeto, e que vem nos inspirando para novos percursos.

Também me dei conta do quanto foi valioso, para nós mesmos, para nossos alunos e para as pessoas que estavam envolvidas com nossos projetos, a vinda desses companheiros à Bahia, criando novas oportunidades de interlocução, de acesso ao conhecimento por elas/eles produzidos e, ao mesmo tempo, enriquecendo-os também com as experiências de museologia social que nasciam e frutificavam, nesta terra de Todos os Santos e Orixás. Sim, em épocas em que o conhecimento era guardado a sete chaves, nas academias e nas instituições responsáveis pelos museus e pelo patrimônio, tivemos coragem de ousar, fomos colaborativos e generosos. Esta análise me encheu de contentamento. Obrigada.

Nós sabemos que você é uma das construtoras da Política Nacional de Museus (PNM). Como você vê o papel do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)? Você teve participação ativa no desenho conceitual e na construção do Eixo 3 da Política Nacional – formação e capacitação de pessoal para atuar na área da museologia. Como você avalia a aplicação da PNM e, em especial, o Eixo III?

Dou início à nossa prosa sobre essa questão comentando inicialmente a Política Nacional de Museus – Memória e Cidadania, por considerar que foi o grande movimento que forneceu as bases necessárias para criação do Ibram.

O Programa de Formação e Capacitação em Museologia – Eixo 3 da PNM para a área da museologia foi então concebido como parte integrante da Política Nacional para os Museus, do Ministério da Cultura, que deveria operacionalizar as ações transversalmente, ou seja, em sintonia e em sincronia com os demais ministérios, bem como com os gestores das áreas da cultura e da educação, nos diversos estados da federação. O então ministro da Cultura, Gilberto Gil Moreira, em seu discurso de posse, registrava que as “políticas públicas de cultura deveriam ser encaradas, também, como intervenções, como estradas reais e vicinais, como caminhos necessários, como atalhos urgentes”.⁴

Considerávamos, assim, o Eixo 3 da PNM como parte de um projeto abrangente de construção de uma nação democrática, plural e tolerante, como um projeto consistente e criativo de radicalidade social. Nesse contexto, acreditávamos que capacitar os profissionais que atuavam nos museus para esse grande desafio seria um caminho necessário e com atalhos urgentes.

Inicialmente, fizemos uma consulta prévia a profissionais que atuavam em nosso campo em vários estados, ouvindo suas expectativas e buscando envolvê-los na construção daquele processo que se iniciava.

Nesse sentido, foi proposta a construção de uma ampla rede de interação entre os profissionais da área, os cursos de museo-

⁴ Discurso proferido por Gilberto Passos Gil Moreira, quando de sua posse como ministro da Cultura, em 2 de janeiro de 2023. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2025.

logia e os gestores nas esferas federal, estadual e municipal, em torno de princípios participativos. Senti-me motivada a continuar o processo de mobilização iniciado com a construção do Eixo 3, assumindo o compromisso de começar sua aplicação no estado da Bahia, e conclamando a classe museológica para trabalhar em um projeto-piloto, tendo como referencial o documento básico da PNM.

A ampla rede de interação criada no desenrolar das ações do Eixo 3 da PNM/Projeto Bahia, em Salvador e no interior do estado, tornou possível o diálogo e o intercâmbio entre profissionais de diferentes áreas de atuação, entre estagiários e técnicos, entre os museus da capital e do interior, e entre instituições, nas esferas federal, estadual e municipal. Foram criados vários canais de comunicação a partir da organização e da gestão da comissão local. Por outro lado, considero que as iniciativas locais é que deram e dão vitalidade à PNM ao indicarem soluções criativas para nossos problemas, contribuindo para que suas propostas não ficassem “engessadas” na burocracia e na razão instrumental do Estado. As publicações referenciadas neste item trazem a descrição e os resultados alcançados a partir desse processo valioso e colaborativo (Brasil, 2005).

Em relação ao Ibram, penso que sua criação, tendo como referencial os princípios que foram adotados, fortaleceu o campo, possibilitou a construção de políticas públicas para o setor – com normas e instrumentos necessários para sua aplicação – e promoveu o diálogo com o campo museológico, com os órgãos setoriais nos âmbitos nacional e internacional e com a sociedade. Acredito que um dos aspectos mais importantes de sua atuação foi essa abertura para a interlocução, promovendo a escuta e a participação, não somente com os museus vinculados, mas com as instituições museológicas de todo o país e da Ibero-América. Além disso, houve um comprometimento com o processo de qualificação dos atores envolvidos com a prática museal a partir de seminários, oficinas e a realização dos fóruns nacionais de museus, bem como a criação de uma política editorial.

Considero que um dos maiores desafios da PNM, se levarmos em consideração a concepção adotada, é promover as condições e

os meios necessários para diminuir o fosso existente entre a realidade museológica das grandes metrópoles e os museus das diversas regiões do país, criando as condições necessárias para que venham a ser polos de desenvolvimento local, regional e de aplicação das ações museológicas, segundo as condições técnicas mínimas necessárias para o seu funcionamento. Acredito que a questão apresentada a seguir ainda continua na ordem do dia: *o que fazer para que as políticas públicas se transformem em ganhos reais para os museus e para a sociedade?*

Renovamos, mais uma vez, nosso compromisso com o aprimoramento da PNM, com o funcionamento do Ibram e com o aperfeiçoamento de suas práticas. Queremos continuar tendo a isenção necessária para avaliá-las continuamente a partir do nosso envolvimento. Consideramos que a postura cômoda de criticar e não se envolver não condiz mais com as dinâmicas da sociedade atual. Foi a nossa participação que possibilitou as conquistas históricas que tiveram como referencial o Plano Nacional de Cultura, as diretrizes da Política Nacional de Museus (PNM) e a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus e estabeleceu os princípios fundamentais para os museus brasileiros, relacionados a seguir:

- I. A valorização da dignidade humana;
- II. A promoção da cidadania;
- III. O cumprimento da função social;
- IV. A valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;
- V. A universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;
- VI. O intercâmbio institucional.

Conquistas das quais nos orgulhamos e das quais não podemos nos esquecer. Assim, revitalizar o Ibram e promover as condições necessárias no sentido de torná-las realidade não é somente necessário, como urgente. Nesse sentido, compreendo que a Política de Educação Museal deva estar alinhada com os princípios e diretrizes adotadas para a Política Nacional de Museus (PNM), sem perder de vista o *senso crítico* e o *compromisso social*.

Reafirmo minha crença de que os museus podem e devem contribuir não só para a construção de um futuro melhor, mas, sobretudo, para um presente mais humano, equitativo e solidário.

Desde muito cedo você foi uma professora militante, a favor de uma museologia com funções sociais bem marcadas e definidas. Como você chegou a esse lugar? Como se deu a sua aproximação com a atualmente denominada Universidade Lusófona?

Penso que na resposta à primeira questão desta entrevista, onde relatei meu ingresso no mundo dos museus, registrei que meu compromisso social foi sendo moldado em minha juventude, ao participar de um grupo de juventude estudantil católica, quando tive meu primeiro contato com Paulo Freire. Seus ensinamentos e experiências me levaram a militar nos campos da pedagogia e da museologia, ambos fincados em um forte desejo de transformação, de cidadania cultural e de melhoria da qualidade de vida. Tudo isso foi sendo operacionalizado por mim a partir do desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão no curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia.

Em relação à minha aproximação com a Universidade Lusófona, participei em 1992, de 18 a 23 de maio, a convite da Prefeitura do Rio de Janeiro, do I Encontro Internacional de Ecomuseus. Este não foi um evento qualquer. O tema despertava em mim um grande interesse e eu estava super animada com a possibilidade de conhecer alguns pioneiros do movimento da Nova Museologia, como René Rivard e Mário Moutinho – além dos profissionais que vinham se destacando por suas preocupações em torno do papel social dos museus, como Hernan Crespo Toral e Hugues de Varine. A aproximação com o professor Mário Moutinho não tardou. Nos bate-papos dos jantares e almoços, descobri naquele colega de além-mar preocupações e desafios comuns. Na plenária, vibrava com os registros da renovação da museologia em Portugal após o histórico 25 de abril. Finalmente alguém falava de experiências museológicas portuguesas que não eram as que estávamos acostumados a ouvir. Naquele encontro, fiz o convite para que ele viesse à Bahia ministrar um curso no I Encontro entre o Curso de Museologia e os Museus da Cidade do Salvador.

A partir de então, os encontros e as trocas sucederam-se. Atendendo a um convite do professor Mário Moutinho, estive em Lisboa em 1994 para ministrar aulas no curso de Especialização em Museologia, período em que a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias ainda se estruturava com uma proposta nova de ensino superior em Portugal, passando por todas as dificuldades comuns à implantação de um projeto inovador.

Nesse primeiro momento, participei também da XXVI Conferência Anual Internacional do Comitê para o Treinamento de Pessoal do Icom-ICTOP, bem como das VII Jornadas sobre a Função Social do Museu do Minom. Ali presenciei de perto a garra, o entusiasmo e a ousadia de um profissional que não se deixava abater com as críticas e com a estranheza de muitos em relação a uma museologia cujo enfoque principal era o homem, e não somente as coleções, e que teve a ousadia de criar um curso com foco no social.

A partir daí, foi iniciado um intercâmbio bastante proveitoso entre aquela universidade e a Universidade Federal da Bahia. Passei a atuar como professora visitante do curso de Museologia da Lusófona e, posteriormente, outros professores de nosso curso também passaram a compor o seu quadro de professores, ministrando aulas e fazendo orientação de teses. Hoje, após 31 anos de atuação conjunta, penso que o curso de Museologia Social da Lusófona conseguiu contribuir de forma significativa para os aspectos teórico-metodológicos do nosso campo de atuação, bem como para a aplicação de processos museológicos inovadores e comprometidos com o social em Portugal e em outros países.

Desde muito cedo, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, por meio do Centro de Estudos de Sociomuseologia, abriu espaço para publicação de vários trabalhos de minha autoria, e de outros colegas brasileiros. Acho que essa iniciativa tem permitido a divulgação de nossos trabalhos, não só em Portugal, como no Brasil e em outros países.

Em meu primeiro contato com a Lusófona, conheci as professoras Ana Maria Lousada Ferreira e Maria Mota Almeida, que haviam cursado a pós-graduação em Museologia no Instituto Superior de Matemáticas e Gestão/Universidade Lusófona de Humanidades e

Tecnologias sob a direção do professor doutor Mário Moutinho, nos períodos de 1991 a 1994. Nessa época, as duas já haviam realizado estágio em Museologia em Quebec/CAN, organizado pela Universidade do Quebec-Montreal/Fundação dos Economuseus do Quebec, sob a coordenação do professor Pierre Mayrand (diretor do Centro de Informação e Formação Ecomuseológica) – o qual também tive a honra de conhecer e trocar experiências sempre que nos encontrávamos em Lisboa para as atividades docentes e quando ele esteve em Salvador, em 1999, no VIII Ateliê do Movimento da Nova Museologia, “Patrimônio e juventude...”, já mencionado anteriormente.

Tanto Ana quanto Maria continuaram suas qualificações na carreira acadêmica cursando mestrado e doutorado na Universidade Lusófona, tendo atuado também como docentes e coordenadoras nos cursos de pós-graduação para conservador/museólogo, em cursos de formação de professores, nos quais divulgavam entre seus pares os conhecimentos adquiridos.

Penso que as professoras Ana Lousada e Maria Mota contribuíram de forma relevante para a estruturação, divulgação, continuidade e expansão dos cursos de Museologia oferecidos pela Universidade Lusófona e, ao mesmo tempo, foram enriquecidas por uma troca bela e salutar, como pode ser constatado no depoimento de ambas recentemente concedido a mim:

Enquanto alunas, consideramos que o contacto desde muito cedo com a área da Museologia Social nos sensibilizou para a importância de aprofundar a função social do museu, destacando a sua abordagem participativa, inclusiva e transformadora, que coloca a comunidade no centro das práticas museológicas. O estudo da Museologia Social foi igualmente fundamental para o desenvolvimento das nossas competências na relação entre o museu, a educação e a comunidade, refletindo-se na aplicação prática no nosso quotidiano profissional. (Ferreira; Almeida, 2025)

Agradeço a vocês a oportunidade de registrar meu reconhecimento e respeito a essas duas professoras que, com muito profissionalismo, desprendimento e afeto, abriram também as portas de suas residências para me receber desde o início de nossa caminhada junto à Lusófona, possibilitando o nascimento de grandes e sinceras amizades, entre nossas famílias, que perduram até hoje, e das quais muito me orgulho.

Em 2008, no Museu Histórico Nacional, iniciávamos a primeira turma do Curso de Estudos Avançados em Museologia, versão primeira e inovadora de um doutorado em Museologia no Brasil. As motivações, parcerias e iniciativas cultivadas na relação entre o curso de Museologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT) e os professores brasileiros que atuam na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), iniciadas em 1997, foram geradoras de potências capazes de mobilizar instituições e pessoas em torno de um projeto comum. Criou-se, assim, uma rede de integração, construída de forma “leve” e desburocratizada, estimulando e inspirando pessoas no sentido de refletir e produzir conhecimento sobre o campo museal, com foco na museologia social.

Igualmente, agradeço ao professor doutor Mário Moutinho pela amizade e reconhecimento. Tenho certeza de que, entrelaçados por nossa parceria, perpassam o respeito, o afeto, a história dos museus, da museologia e dos cursos de museologia no Brasil e em Portugal.

Considerando a sua longa experiência em Portugal e na Universidade Lusófona, que diferenças e semelhanças você vê entre a museologia social no Brasil e em Portugal? E que diferenças e semelhanças você vê entre museologia social e Sociomuseologia?

Não posso deixar de registrar que, apesar do extenso período de intercâmbio com os colegas e amigos portugueses ao longo de 33 anos, as reflexões que trago para vocês em relação às questões que me fazem neste item são apenas alguns recortes, visto que estamos falando de contextos amplos, complexos e diversos.

Entretanto, considero que nossas experiências, tanto na docência, o que envolve o ensino, a pesquisa e a extensão, quanto na formulação e a execução de vários projetos, construídos e executados de forma colaborativa, trouxeram múltiplas possibilidades de ação e reflexão para os campos da museologia, da pedagogia e para outras áreas do conhecimento, tanto no Brasil como em Portugal. Com coragem de ousar, acreditamos que “navegar era preciso”. Hoje considero que os ganhos desse processo estão tão imbricados

que o lá e o cá se fundem em *museologias sociais* de muitas caras e identidades, que vão avançando e fornecendo a base necessária para a construção de uma escola de pensamento, que denominamos de *Sociomuseologia*.

Do ponto de vista filosófico, a aplicação dos processos museais participativos e comprometidos com o social trouxeram dados significativos no sentido de compreendermos que, ao paradigma do sujeito conhecedor e transformador, é agregada agora a possibilidade de entendimento entre as pessoas capazes de linguagem e ação. É importante ressaltar que, ao assim procedermos, estamos colocando em prática um valioso processo de aprendizagem instrumental e dialógico da competência, da solidariedade e do estabelecimento de uma ética de confiança. Além do mais, a musealização de temas e problemas que estão latentes na sociedade nos instiga a desenvolver novas metodologias de aplicação das ações museológicas, buscando com criatividade soluções para problemas que não aprendemos a enfrentar e solucionar somente com os conhecimentos adquiridos na academia. Ampliamos o campo de aplicação das ações museológicas e constatamos que é possível sua implementação fora da instituição museu e em interação com a sociedade.

Assim, ao longo dos anos, conseguimos formar uma ampla e criativa comunidade de aprendizagem, que vem estimulando o movimento de muitos agentes em vários países, provocando, gradualmente, ondas de participação que vão, devagar e sempre, transformando o ser humano e as aplicações dos processos museais, formatando novos perfis de instituições museológicas e dando vida a tantos outros que estavam adormecidos e protegidos por grandes redomas.

Da construção concreta de museus, com base na interação, na participação e no respeito às diferenças, conseguimos avançar também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da museologia. A existência de cursos de museologia como o da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que deixam explícita a sua missão de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, contribui, de forma significativa, não só para a inovação em torno de como operar com os museus e com o patrimônio cultural, como para as reflexões teóricas em nosso campo de

atuação. Os projetos, as teses, dissertações e publicações geradas a partir da produção acadêmica, resultado dessa rica parceria, são testemunhos desses avanços. É importante destacar também que toda essa produção fornece dados importantes para se repensar, tanto os currículos dos cursos de Museologia como o papel que as universidades devem desempenhar junto à sociedade.

Considero ainda que o conhecimento produzido pelos agentes envolvidos nessa troca salutar foi referencial de sustentação para a formulação da Política Nacional de Museus, bem como para a criação do Instituto Brasileiro de Museus e para a construção dos marcos regulatórios do nosso setor. Nesse sentido, trago a reflexão feita pelo professor doutor Clovis Britto, registrada em sua tese de doutorado:

Na verdade, o paradigma da Museologia Social ganhou um estímulo sem precedentes a partir de 2003 com sua institucionalização por meio da Política Nacional de Museus, possibilitando a criação de dezenas de museus comunitários e do Programa Pontos de Memória, das redes de Museologia Social e de cursos de graduação e pós-graduação em Museologia, o que, sem dúvidas, provocou a ampliação e a diversificação da produção de conhecimento, incluindo os pontos de vista indisciplinados. (Britto, 2019)

Tenho certeza de que esse caminhar é hoje uma referência no Brasil, em Portugal, nosso parceiro, bem como em outros países. Da construção de processos museais com base na interação, na participação e na reflexão sobre experiências museais marcadas, não apenas pela valorização da ‘função social’, mas pelo direito à diferença, ao protagonismo das comunidades e dos movimentos sociais, conseguimos avançar também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da museologia. Os projetos, as teses, dissertações e publicações geradas a partir da produção acadêmica dos cursos de graduação e pós-graduação em museologia das universidades brasileiras, bem como da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, para a qual professores brasileiros têm contribuído nesses 34 anos, são testemunhos desses avanços.

Temos consciência também de que estimulamos o repensar dos museus “clássicos”, contribuindo para a compreensão de que no processo de musealização há espaço para as diferenças e para

o respeito mútuo. Estimulamos a busca da construção conjunta de culturas cidadãs, de museus híbridos, complexos, inclusivos e informais. Considero que este seja um dos maiores méritos da Museologia Social. As reflexões realizadas, a *partir de sua aplicação, em diferentes contextos*, nos permite hoje considerar que contribuímos por meio da *ação-reflexão-ação* para a criação de uma escola de pensamento denominada *Sociomuseologia*.

Não posso finalizar as reflexões sobre esta questão sem citar a “Recomendação da Unesco referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade: Paris, 20 de novembro de 2015”, que afirma serem os museus cada vez mais vistos em todos os países como tendo um papel chave na sociedade e como fator de promoção à integração e coesão social (Unesco, 2016). Documento fundamental para repensar os museus na contemporaneidade, para o qual Brasil e Portugal colaboraram de forma significativa. Não somente em seu processo de formulação, mas também no caso do Brasil/Ibram, promovendo e fornecendo as condições necessárias para que a realização da reunião do Ibermuses fosse realizada em Salvador, no período de 26 a 28 de junho de 2007.

Como você compreende a museologia social hoje no Brasil, considerando tanto as experiências diretas quanto o conjunto de monografias, dissertações e teses já defendidas? Qual a repercussão no campo da museologia social dos pontos de memória, dos pontos de cultura, dos museus sociais e comunitários e das Redes de Museologia Social, Museologia Indígena, Museologia Kilombola e Museologia LGBTQIA+?

De partida, considero que sem os antecedentes já comentados e registrados nas questões anteriores, não teríamos sequer essa pergunta incluída em nossa conversa.

Não podemos deixar de reconhecer que a aplicação da museologia social em nosso país é uma aventura coletiva, estendendo-se a mais pessoas, tornando-se mais profunda, mais abrangente, mais plural, a partir dos encontros e trocas, incorporados ao cotidiano dos nossos museus, dos nossos departamentos de nossas salas de aula, bem como dos movimentos sociais. Acredito que ela

se deu sobretudo a partir de nossa disponibilidade em nos abrir para outros segmentos da sociedade, buscando novas alternativas, com outros olhares e saberes e, a partir de 2003, amparados por uma política pública comprometida com a construção de uma nação democrática, plural e tolerante. Como parte e essência de um projeto consistente e criativo de radicalidade social, como já visto anteriormente.

Refiro-me aos processos museais aplicados junto com as organizações da sociedade civil, dos movimentos sociais, das redes de ensino, irmandades, quilombos, comunidades indígenas, pequenas associações, memoriais de casas de santo, centros culturais, pontos de memória – campo fértil para o compartilhamento de informações e de conhecimento, que vem alimentando uma rede de interação, formando verdadeiras comunidades de aprendizagens. Dessa forma, ampliamos o campo de aplicação das ações museológicas e constatamos que é possível sua implementação também fora dos museus já instituídos, em interação com as comunidades.

Creio que já avançamos muito. Acredito e tenho esperança de que vamos continuar avançando. Muitas barreiras já foram vencidas e tenho esperança de que os brasileiros que tiveram a oportunidade de vivenciar na prática os resultados advindos de projetos que tiveram como suporte seus patrimônios culturais estarão espertos e dispostos a continuar lutando por seus direitos à memória. Entretanto, considero também que não podemos ser ingênuos; temos que reconhecer que estamos vivendo no mundo momentos de conflitos e de insegurança, e que teremos de continuar criando possibilidades para que a museologia e a educação continuem colaborando para a conquista de uma realidade social mais justa e igualitária.

Penso que é superando os problemas que iremos contribuir com novas museologias sociais e com novas sociomuseologias. O que esperamos é que estejam apoiadas no humanismo, no respeito às diferenças e no patrimônio cultural em todas as suas dimensões.

Para finalizar, que mensagem você gostaria de lançar a partir do aqui e agora para os mais jovens, para os mais velhos, para o passado e para o futuro?

Queridos Mario e Maria Helena, termino esta entrevista muito emocionada. No início de nossa prosa-conversa – questão 1 – registrei os riscos que correria por ser, talvez, uma historiadora *nada confiável, mas necessária*. Agora, ao finalizá-la, o que tenho para registrar é que o convite de vocês me encheu de vida; dentro de meus limites, tentei narrar e registrar alguns fatos e recortes das caminhadas de muitas companheiras e companheiros que, assim como eu, acreditaram ou ainda acreditam que é possível, por meio da museologia social e da educação, contribuir para a melhoria da qualidade de vida. Missão difícil, necessária, bela, prazerosa e, cada vez mais, de MUITA URGÊNCIA. Constato ainda, ao final de nossa prosa, que trabalhamos muito e confiamos em nossa coragem de ousar e de transformar, “navegamos em mares nunca dantes navegados”. Mesmo assim, considero que devemos continuar praticando o exercício de uma avaliação contínua.

Comentando sobre a necessidade de fazermos uma autocrítica que nos leve aos papéis que nos cabem, Valdo Barcelos chama a atenção para o fato de que o sistema educativo está cada vez mais sendo questionado justamente na falta dessa relação de diálogo e de pertencimento solidário e planetário, sugerindo uma alternativa pedagógica, que parta de uma iniciativa em que história e ambiente, cultura e natureza, façam parte de um mesmo complexo biopsíquico. Registra ainda que, assim, estaríamos referendando a ideia de que nossa história passada se confunde com a história das crises e problemas ambientais que estamos vivenciando:

Um passado do qual não podemos fugir, muito menos nos desculpar pura e simplesmente, pois, o que estamos vivenciando hoje, nada mais é que o produto, o resultado, da ou das iniciativas humanas – autoritarismos, fanatismos, destruição ecológica, aniquilamento do diferente, desprezo pelas minorias – iniciativas e atitudes estas, que certamente fizeram parte de escolhas, e que provavelmente não eram as únicas possíveis de serem feitas. (Barcelos, 2015)

Infelizmente, neste mundo contemporâneo, não temos refletido o bastante sobre nossas escolhas, o que torna as constatações de Barcelos mais atuais do que nunca.

Desse modo, o que desejo para os mais novos e para os mais velhos é que continuem acreditando em seus sonhos, em seu potencial mobilizador e transformador, assumindo o compromisso social com a museologia, com os museus, e com a educação, a partir de uma relação de *diálogo* e de *pertencimento solidário e planetário*.

Espero ter contribuído com a construção de um ninho que possa nos amparar e nos libertar para novos voos. *Passado, presente e futuro* serão, sempre, um *continuum*. Nesse sentido, *nossa responsabilidade é cada vez maior*.

Obrigada por terem me incluído nesta prosa. ALCAMOS NOVOS VOOS!

Salvador, 27 de março de 2025, em manhã com nuvens pesadas, mas que ainda me deixam contemplar um pouco do céu azul da Bahia.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA PARA SUPER-DOTADOS; Associação de Membros do ICOM – Comitê Brasileiro do ICOM. Simpósio Brasileiro do Museu para Educação do Superdotado, 1., 1988. *Anais...* Rio de Janeiro: Grasfont, 1988.
- BARCELOS, Valdo. Uma educação nos trópicos: contribuições da Antropofagia Cultural Brasileira. Petrópolis: Vozes, 2013. Resenha de: SIQUEIRA, André Boccasius; JOHAN, Chantele; CARVALHO, Michele. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 3, n. 5, 2015.
- BELLAIGUE, Matilde. O desafio museológico. In: FÓRUM DE MUSEOLOGIA DO NORDESTE, 5., 1992, Salvador. 8 p. mimeo.
- BIBLIOTECA SALVAT DE GRANDES TEMAS. Passado e presente dos museus (entrevista com Hugues de Varine). In: *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.
- BOLETIM DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA, jul./dez. 1984, p. 3.
- BRASIL. Política Nacional de Museus: programa de formação e capacitação em museologia – Eixo 3 / Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais. Organizado por Maria Célia Teixeira Moura Santos. Salvador: MINC/IPHAN/DEMU, 2005. Projeto Bahia: Relatório 2003-2005.
- BRITTO, Clovis Carvalho. “Nossa maçã é que come Eva”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. Tese (Doutorado) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Instituto de Educação / 3º Ciclo de Museologia. Lisboa, 2019.
- FERREIRA, Ana Maria Lousada; ALMEIDA, Maria Mota. Entrevista concedida à Maria Célia Teixeira Moura Santos em abril de 2025.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.
- ICOFOM. *Museological Working Papers*, n. 1, 1980.
- LE GOFF, Jacques. *Memória – História*. Tradução de Bernardo Leitão et al.. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Coleção Repertórios.
- SANTOS, M. C. T. M. *Museu Nacional de Antropologia do México: um exemplo a seguir*. Salvador: Diário de Notícias, 1974. Caderno 1.
- SANTOS, M. C. T. M. Um compromisso social com a museologia. *Cadernos do CEOM/Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina*, Chapecó, v. 1, n. 1, jan./jul. 1986.
- SANTOS, M. C. T. M. Documentação museológica, educação e cidadania. In: SANTOS, M. C. T. M. *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. 2. ed. ampl. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993a.
- SANTOS, M. C. T. M. Ecomuseu: a guarda da memória coletiva. In: SANTOS, M. C. T. M. *Repensando a ação cultural e educativa dos museus*. 2. ed. ampl. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1993b.
- SANTOS, M. C. T. M. *Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário*. Lisboa: Ismag/UHLL/Centro de Estudos de Sociomuseologia, 1996. Publicação da tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, em 1995.
- SANTOS, M. C. T. M. Reflexões museológicas: caminhos de vida. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 18, 2002.
- UNESCO. Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade: Paris, 20 de novembro de 2015. *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Brasília, n. 7, 2016. Tradução não oficial realizada pelo Instituto Brasileiro de Museus e revista pelo Icom Portugal.
- VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Tradução e coordenação de Fernanda Camargo e Lourdes R. Novaes. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1987.
- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: o patrimônio local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Maria Célia Teixeira Moura Santos | Professora aposentada do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Possui graduação em Museologia (1973), mestrado e doutorado em Educação (1981 e 1995), todos pela UFBA. É consultora nas áreas da Museologia, da Educação e da Gestão e Organização de Museus, e atuou como professora visitante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) em Lisboa, Portugal, de 1994 a 2022. Fez parte do Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram)/Ministério da Cultura (MinC). Fez parte do Conselho Editorial da *Revista do Museu Antropológico* da Universidade Federal de Goiás (UFG), e é membro do Icom/BR, do qual fez parte do seu Conselho Consultivo. Foi coordenadora do Eixo 3 da Política Nacional de Museus do MinC e diretora de museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia. Tem experiência nas áreas da Museologia e da Pedagogia, atuando nos seguintes temas: plano museológico, ação educativa dos museus, Política Nacional de Museus, museus comunitários, formação e capacitação em Museologia. Orientou dissertações de mestrado e teses de doutorado, no Brasil e em Portugal, além de ter vários livros e artigos publicados nesses países. Repositório: mariaceliatms.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0276-8094>.

Maria Helena Versiani | Historiadora pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 1986), com mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2007 – *Padrões e práticas na política carioca: os deputados federais eleitos pela Guanabara em 1962 e 1970*). Possui doutorado em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC/Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2013 – *Linguagens da cidadania: os brasileiros escrevem a Constituição de 1988*) e pós-doutorado em História pela UFF (2017 – *Criar, ver e pensar: o acervo museológico do Museu da República*). Pesquisadora do Museu da República e líder do Grupo de Pesquisa Observatório de Estudos sobre o Rio de Janeiro, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Direito da UFRJ e registrado no CNPq desde 2012. Pesquisadora integrante do Instituto de Estudos sobre o Rio de Janeiro (Ierj). Professora convidada do ProfHistória/UFF. Possui particular interesse nas áreas de patrimônio cultural, história cultural, história do Brasil república, história das ciências e história do Rio de Janeiro. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7135-5242>.

Mario Chagas | Poeta, é museólogo graduado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio, 1979). Licenciado em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 1980), mestre em Memória Social pela Unirio (1997) e doutor em Ciências Sociais pela Uerj (2003). Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (lançada em 2003) e um dos criadores do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (Pnem) e do Ibram. Fundador da *MUSAS: Revista Brasileira de Museus e Museologia* e criador do Programa Editorial do Ibram. Diretor do Museu da República/Ibram entre março de 2018 e julho de 2023, foi um dos articuladores da chegada da Coleção Nosso Sagrado ao Museu da República. Atualmente é pesquisador avançado no Museu da República; professor do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGPMUS) da Unirio, professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Museologia da UFBA, professor visitante do Departamento de Museologia da ULHT. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0232-4757>.

[<< Voltar ao início](#)